

Resenha

A CARNE, JÚLIO RIBEIRO

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Martin Claret, 94 f. 1999.

Nillo da Silva Neto*

Uma reflexão que gira em torno da memória e da literatura foi o comentário discutido no grupo *literatura em tempos de risco*, e que é perceptível na obra *A Carne*, de Júlio Ribeiro. Nesta, há um romance de caráter naturalista que aborda temas como divórcio, o amor liberal, no sentido de ser livre, e o novo papel da mulher na sociedade, algo que até então era ignorado na literatura. A obra foi publicada em 1888, causando grande escândalo durante o período e gerando críticas grotescas acerca do conteúdo da obra. Júlio Ribeiro, até então não era tão conhecido no meio literário, apesar de ser um grande gramático da década, ao publicar *A Carne*, foi mundialmente conhecido, pois nela abordou vários problemas dos quais ninguém falava, dentre estes destaca-se a mulher como independente na sociedade.

A Carne narra a história de Lenita, uma jovem que havia sido criada apenas por seu pai, já que sua mãe morrera em seu nascimento. O pai lhe dera uma educação acima da média e ela crescera inteligente e com muita vida. Aos 22 anos, o seu pai morre e Lenita fica extremamente abalada, com a saúde frágil e sensível. Decide, então, mudar de ares e ir morar no interior de São Paulo. Ela conhece, ao longo de sua vida, um homem cujo comportamento é muito parecido com o seu, quanto às leituras e ao conhecimento. Com o passar do tempo, Lenita se torna amiga deste homem e, por desejos, apaixonam-se, algo que, ao final da história, é quebrado, pois ela descobre algo que a faz deixá-lo para sempre, percebendo que poderia ser independente. Qual desejo seria esse? Será da carne? Será da

* Bacharel em Filosofia pela Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM), graduando em Teologia pelo Instituto Teológico São José (ITSJ).

mente? O autor procura mostrar esta contradição que faz com que eles tomem rumos distintos.

Maurice Blanchot (1907- 2003), outro autor literário, disse, certa vez, que “a obra nasce quando seu autor morre”, de fato, aconteceu isso com Júlio Ribeiro, publicou a sua obra em 1888 e veio a falecer dois anos depois, em 1890. Desse modo, fica na memória o reboiço causado pela sua obra, mas que pela morte do literato não foi possível que ele replicasse as críticas que chegavam.

Uma pergunta que nos inquieta nas primeiras entrelinhas da história é a questão sobre a felicidade, o que significa ser uma pessoa feliz? De fato, o doutor Lopes Matoso não foi precisamente o que se pode chamar de um homem feliz. Aos dezoito anos de sua vida, quando tinha completado apenas o seu curso de preparatórios, perdeu o pai e a mãe com poucos meses de intervalo. Ficou-lhe, como tutor, um amigo da família, o coronel Barbosa. Lopes Matoso não gastou muito tempo em procurar outra companheira, casou-se logo com uma prima de quem sempre gostara, e junto dela viveu felicíssimo por dois anos. Ao começar o terceiro, morreu a esposa, de parto, deixando-lhe uma filhinha, Lenita.

Leitura, escrita, gramática, aritmética, geografia, francês, espanhol, natação, ginástica, música, dentre outras áreas, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha, Lenita, com quem leu vários clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleta na literatura do tempo. Aos quatorze anos, Lenita era uma jovem forte, de caráter formado e instrução acima do normal. Além disso, sentia-se pretensiosa modesta, sabia rodear-se de uma brisa simpatia, escondendo, com arte infinita, a sua imensa superioridade. Nesse ínterim, os pedidos de casamento sucediam-se a Lenita; seu pai, Lopes Matoso, consultava-lhe. Lenita via tais pedidos como desnecessários, o que, de fato, faz ser vista como uma crítica na sociedade em que ela não se fazia valer para o esposo, mas, ao contrário, ela se tornaria independente por si mesma. Mais tarde, seu pai lhe dirá que o homem faz-se para a mulher, e a mulher para o homem. E acrescenta que o casamento é uma necessidade, não em âmbito social, mas fisiológico.

Sempre no mesmo teor de vida, Lenita chegou aos vinte e dois anos. Quando o dia amanheceu, Lopes Matoso começou a queixar-se de um mal-estar indescritível, de uma opressão fortíssima no peito. Sobreveio-lhe um acesso de tosse, e ele morreu de repente

sem haver tempo de chamar um médico, sem coisa nenhuma. Com este episódio, Lenita quase enlouqueceu de dor: o imprevisto do sucesso, o vácuo súbito e terrível que se fez em torno dela, a superioridade e cultura do seu espírito que refugiam as consolações banais, tudo contribuía para maior sofrimento. Com o ocorrido, Lenita foi se instalar na fazenda do velho tutor de seu pai, o Coronel Barbosa, e levou consigo o seu piano, alguns bronzes artísticos, alguns enfeites curiosos e muitos livros.

Lenita, por vezes, passava horas e horas à janela, contemplando as dependências da fazenda. Abatidíssima, emaciada, pálida, com os olhos afundados, comprimia o peito, agonizava sufocada. Vale ressaltar que houve, entre o Coronel e sua criada, certo diálogo a fim de ajudá-la a reconhecer tais acontecimentos, fazendo com que a protagonista se abrisse a reconhecer-se doente, para obter a cura, ao que, paralelamente à filosofia estoica de Sêneca, cujo método para se alcançar a cura da alma tem como primeiro passo o reconhecer-se doente. A fim de tentar mudar o clima da fazenda, diante dos diversos fatos ocorridos com Lenita, o Coronel a elogiou dizendo quão linda estava, de modo entusiasmado. Nas entrelinhas destes episódios da obra, podemos perceber a protagonista Lenita sobre três vieses.

Uma primeira fase seria a fase ilusória, o clima da fazenda estava chuvoso, uma chuva compassada, ininterrompida: em todas as depressões de terreno estancava-se a água; por todos os declives corria ela em torrentes. No alto de um morro, cortado pela estrada, assomou-se, enfim, o Manuel Barbosa. Assim que chegou disse ao seu pai “caçadas esplêndidas, hei de lhe contar. Saúde de ferro, a não ser esta enxaqueca que me não larga, e que neste momento mesmo me está atormentando de modo horroroso. Vou lá dentro ver minha mãe, e sigo para o meu quarto: deve estar pronto. Mande Amâncio levar-me uma chaleira de água a ferver, e um pouco de farinha de mostarda” (RIBEIRO, 1999, p.7). O coronel Barbosa apresentou Lenita ao seu filho, dizendo ser a neta de seu velho amigo, doutor Lopes Matoso, que morreu logo depois que ele fora para Paranapanema. Lenita ficara empolgadíssima para conhecer mais o então filho do coronel, depois de ele ter falado tão bem sobre seu filho para Lenita. Entretanto, pena é que ele esteja “gastando cera com ruim defunto”: o rapaz não é rapaz, e ainda, por mal de pecados, é beco sem saída.

Lenita criou várias imagens sobre como seria esse encontro, até que tomou certa atitude, veio da sala, adiantou-se para o recém-chegado, cumprimentou-o com uma inclinação de

cabeça. Ele tirara o chapéu alagado, retribuiu o cumprimento, com uma formalidade de seu criado. Além disso, pediu-lhe desculpas e lhe apertou as mãos.

Em seguida, assistimos Lenita em uma fase reflexiva, uma vez que ela ficou um pouco inquieta com a atitude do Manuel Barbosa, por não ter lhe cumprimentado bem no início e de não ter lhe dado muito papo no almoço. A moça estava desapontadíssima, mirava o então “amante” com uma curiosidade dolorosa. Em seguida, recolheu-se ao seu quarto, bateu as janelas, não quis jantar, não quis cear, respondeu quase com severidade ao coronel. Lenita chorou e soluçou por muito tempo. Esse descarregamento nervoso aliviou-a, acalmou-a e a sossegou. Ela criou certa expectativa do rapaz, porém toda cena passada a deixou abatida, até que ela entrasse em profunda reflexão.

Tudo isso aconteceu devido a uma idealização em excesso por parte de Lenita, em suas imaginações e pensamentos, a partir do que estabelecemos uma relação com a caverna de Platão, sem conhecer a verdade apenas a idealizava, como fez Lenita idealizou o Manuel Barbosa até conhecê-lo, porém se frustrou em conhecer a realidade, ao contrário dos acorrentados da caverna que iria para um novo mundo da verdade a eles revelado, o sol, o bem, e, certamente, ficaram satisfeitos com a realidade que encontraram. Lenita, por outro lado, tinha certo receio em conhecer quem realmente era o Manuel Barbosa de quem falava o Coronel. Ela começou a se questionar, por que ficar desse jeito, uma vez que nem conhecera tal homem, apenas ouvira falar sobre ele.

No decorrer da história, outro questionamento surge: será o que acontecia? Provavelmente, esses sentimentos por Barbosa poderia ser uma forma de suprimir todos os outros sentimentos que trazia consigo, sem irmãos, sem mãe, sem pai, emancipada, absolutamente senhora de si. Além disso, era rica, formosa, inteligente, culta, bastava-lhe mostrar-se na cidade, ou melhor em São Paulo, na corte, aparecer nas reuniões, deixar-se admirar para ser soberana, para receber louvações, para haurir à sociedade o incenso da bajulação. Por que teimar em permanecer na fazenda? A todo instante ela refletia e se questionava de que lhe importava a sociedade e as suas estúpidas convenções de moral? Mas a cor amarelenta de Manuel Barbosa, seus olhos piscos, seu cabelos por cortar, sua barba repugnante, sua roupa molhada! Depois disso, Lenita estava decidida em voltar para a cidade, iria a São Paulo, onde se fixaria de vez, compraria um terreno grande em um bairro aristocrático.

Teria amantes, por que não? As murmurações não lhe importavam, além da famosa expressão – *diz que me diz* – da sociedade brasileira, hipócrita, maldizente. Era moça, sensual, rica e se alegrava disso. Escandalizavam-se, pois que se escandalizassem! Depois, quando ficasse velha, quando se quisesse aburguesar, viver como toda a gente, então casaria. Era tão fácil, tinha dinheiro, não haveria de lhe faltar titulares, homens formados que se submetessem a ela. Era pedir por boca, era só escolher. Ao fazer toda esta reflexão e desabafo, após uma noite de sono, Lenita levantou-se de boa saúde, mas aborrecida, contrariada, pois a lembrança do Manuel Barbosa a torturava. Tecendo um diálogo com o coronel, à mesa do café da manhã, Lenita murmurava poder haver um dia em que ela dormisse e não mais acordasse, devido à falta que sentia do rapaz. Com o passar da manhã, Lenita almoçou de modo mais tranquilo, calma, fizera um longo passeio à pé e só pensara em Manuel Barbosa duas ou três vezes, com menos indignação, sem ressentimento, indiferente quase, achando-se apenas ridícula a si própria por tê-lo arvorado um herói durante um longo acesso de extravagância histeria. A protagonista decidida em voltar para a área urbana começa a juntar suas coisas, seus bronzes e livros.

Depois disso, Lenita levantou-se no dia seguinte muito cedo, deu voltas à laranjeira e topou com Manuel Barbosa que se encaminhava para ela, risonho, palacianamente curvado, na mão direita o chapéu, na esquerda um cravo vermelho, perfumado, esplêndido. A protagonista parou confusa, espantada, sem saber o que pensar ou falar. O homem que aí vinha não era o Barbosa da tarde anterior, era uma transfiguração, era um cavaleiro em toda a extensão da palavra. Tudo isso fez com que Manuel Barbosa justificasse suas ações na noite anterior, ressaltando que viagens lhe fatigava e sua enxaqueca, ou seja, sua dor física, incomodava-lhe e fazia-lhe tomar atitudes que, muitas vezes, não queria tomá-las. Em forma de reparação do ocorrido, ofereceu-lhe os braços, um passeio pelo pomar. Tendo ela aceitado, durante o passeio falaram de muitas coisas, sobretudo das ciências e botânicas, uma vez que ambos eram intelectuais.

Interessante percebermos como as coisas enganam. De certo modo, a doença, a enxaqueca, fez Manuel Barbosa apresentar-se como outro homem, “mascarado”, nervoso, mal-humorado, o qual Lenita conhecera, até que após o sofrimento de dor, mostrou-se um novo homem a Lenita. No entanto, vale a lembrança de que o pai de Manuel Barbosa havia dito a Lenita que o coronel Barbosa era “diferente” e que ela havia, provavelmente, equivocando-se ao tratá-la daquela maneira. Daí em diante, Lenita e Barbosa não se

deixaram: liam juntos, estudavam juntos, passeavam juntos, tocavam piano a quatro mãos.

É perceptível, também, que o sentimento de saudade existente entre eles, em curto espaço de tempo era grande, mas por qual motivo? Era a inquietação que eles traziam e se perguntavam: amor verdadeiro, com objetivo definido, carnal? também não era: ao pé de Lenita ainda não tivera desejo algum concupiscente, ainda não sofrera o atormentar do espinho da carne. Tivera em tempo uma paixão que o levava à tolice suprema do casamento, mas isso passara, tinha-se até divorciado da mulher com cujo gênio não se tinha podido harmonizar. Casto, era-o até certo ponto: só procurava relações genéticas, quando as exigências fisiológicas do seu organismo de macho se faziam sentir forçosas, ameaçando-lhe a saúde.

Outrossim, não se ligava a isso mais importância do que o exercício de uma outra função qualquer, do que a satisfação de uma simples necessidade orgânica, natural. O que faz ter uma continuidade à pergunta, o que Manuel Barbosa sentia por Lenita? Amizade no rigor do termo, como de homem para homem, até de mulher para mulher, não era: naquele tempo e em algumas reflexões atuais, insistem em dizer que a amizade é impossível entre pessoas de sexo diferente, a não ser que tenham perdido todo o caráter e sexualidade [Penso que o autor seja ousado em afirmar isso, pois amizade no rigor do termo seria uma relação afetiva entre os indivíduos, ou seja, um relacionamento que as pessoas têm de afeto e carinho por outra, que possuem um sentimento de lealdade, proteção, no entanto, no período em que ele escreve, com certeza isso era algo não comum de acontecer. Então dizer que haveria esta amizade seria um escândalo]. Seria, entre eles, um amor ideal, romântico, platônico e que, a partir da leitura, percebemos poder ser algo nesse sentido. O caso era que ele não podia estar longe da moça, que só junto dela viveria, pensava, estudava, considerava-se verdadeiro homem. Tudo ia muito bem entre eles e uma provável amizade ou amor ali se formava ou se concretizava, até que ocorre um fato que muda seus destinos, era o início de um distanciamento de Lenita e Barbosa. Em Santos, quebrara uma tribulação importantíssima e, já que Manuel Barbosa trabalhava também com isso, era preciso que fosse ajudar na reforma.

Desse modo, ficou decidido que Barbosa partiria no dia seguinte para Santos, para ver se conseguiria salvar alguma coisa do naufrágio. Ao dizer adeus a Barbosa, Lenita sentiu-se fazer em torno dela um vácuo imenso, muito embora a ausência era só até à tarde. Com

esta outra ausência pela qual passaria Lenita, sem dúvidas, ser-lhe-ia um sofrimento esmagador, uma vez que ela já havia perdido seu pai, porém de forma definitiva, por ser para a morte. Esta ausência breve da ida para Santos a torturava imensamente.

Como uma espécie de lenitivo à sua mágoa, quis ela própria fazer a mala de Barbosa, pretextando que não ficaria bom o arranjo pelas mãos descuidosas de uma escrava. Seguiu a mucama encarregada da roupa branca, e é importante ressaltar que fora a primeira vez que ela entrara no quarto de Barbosa. Em seguida, Manuel Barbosa tirou do armário uma garrafa de *cognac*, bebeu, acendeu um charuto e entrou a pensar. O que havia com Lenita? Teria adoecido assim de repente? Será que não estava mesmo apaixonado pela moça?

Continuou a pensar! Ele era casado, quase um velho. Onde iria parar tudo aquilo? Não levava o orgulho ao ponto de crer que a moça estivesse apaixonada também pela sua já respeitável pessoa, mas porque não? Manuel Barbosa recordava que muitos velhos tinham inspirado paixões. Dado que, o que havia entre ele e Lenita não fosse, como não podia mesmo ser, uma mera afeição de camaradagem, amizade. Companheirismo? Uma simples estima recíproca, que havia ele de fazer? Casar com Lenita não podia, era casado. Tomá-la por amante? Certo que não. Preconceito íntimo não os tinha. Para ele, o casamento era uma instituição egoística, hipócrita, profundamente imoral, soberanamente estúpida. Todavia era uma instituição velha de milhares de anos, e nada mais perigosos do que contrariar as velhas instituições. Ele pensava ainda no que ajuizava a sociedade a qual estigmatizava o amor livre, o amor fora do casamento. E, nesse sentido, ele via como forçoso aceitar o decreto antinatural da sociedade.

Lenita também não dormia. O cheiro humano masculino que respirara no travesseiro de Manuel Barbosa fora realmente um veneno para os seus nervos. Sentia-se de novo presa do mal-estar do histerismo antigo. Tinha anseios, tinha desejos, mas anseios que visavam um objetivo certo. Ela ansiava por Barbosa, ela o desejava. Lenita, uma mulher ativa, orgulhosa, entendedor da sua superioridade encontrara o homem digno de si, ao qual se fizera escrava. Ao ouvir o som dos animais na partida, a protagonista abriu a janela, ergueu a vidraça, acompanhou com o olhar os vultos do cavaleiro que se iam perdendo nas brumas da madrugada. Sem o querer, inconscientemente, ela juntou os dedos, levou-os à boca, atirou um beijo ao espaço. Lembrava-se, a todo instante, do Manuel Barbosa lhe falando sobre as plantas, biologia, invenções, dentre outros assuntos acadêmicos. Com

todo o ocorrido, Lenita se recolhe abalada profundamente em seu organismo, com a irritação de nervos aumentada por essas cenas cruas da natureza, torturada pela Carne – *tal qual é o título do livro* –, mordida de um desejo louco de sensações completas, que não conhecia, mas que adivinhava, Lenita recolheu-se titubeando, fraquíssima.

A partir disso, podemos dizer que Lenita teve um revigoramento das forças, pois, após uma experiência de admiração pela vida, uma renovação, ela resolveu conhecer coisas novas, ocupar-se do tempo. O coronel gostava da lavoura de cana, Lenita não saía do engenho, tudo queria ela saber, de tudo se informava.

Neste mundo, não existe coisa alguma sem sua razão de ser. Estas filantropias, estas coisas modernas de abolição, de não sei que igualdade, são cantigas. Lenita, inconformada com alguns ocorridos da fazenda, e que é perceptível mais uma crítica ao contexto da sociedade que pode ser estabelecida, a qual causou escândalo na época. A pedido de Lenita, o escravo seria, de certo modo, liberto, e o coronel lhe havia dito que se ela pedisse assim seria feito, no entanto, ele fez um comentário, ao mesmo tempo cômico, mas reflexivo. “Ferro tirado, preto no mato, morte na certa”, pois ele presumira que, como de costume, o escravo tentaria fugir e se o fizesse morreria. O escravo, a quem ela fizera tirar o ferro do pé, fugira, de fato, como tinha previsto o coronel: um dia voltou preso, amarrado com uma corda pelos braços, trazido por dois caboclos. Lenita muito de propósito, não intercedeu. A protagonista sentia uma *curiosidade* mordente de ver a aplicação do bacalhau¹, de conhecer de vista esse suplício legendário, aviltante, atrozmente ridículo. Essa falta de sensibilidade para com o outro aqui é nitidamente perceptível. O escravo, de fato, teria culpa por fugir, mas a incrédula curiosidade do ser humano, tal qual foi a atitude de Lenita, em estar curiosa para ver o que aconteceria com o homem, faz com que muitas coisas sucedessem. O administrador abriu o tronco, o negro ergueu-se, trêmulo, miserável. Era a última expressão do rebaixamento humano, da covardia animal. Chegava a infundir dó e nojo.

Queria, disse Lenita, sentir compaixão, como as vestais romanas no ludo gladiatório, ter direito de vida e de morte, queria poder fazer prolongar aquele suplício até a exaustão da vítima; queria dar o sinal, *pollice verso* para que o executor consumasse a obra. Lenita não estava doente, seu estado não era patológico, mas fisiológico. O que ela sentia era o

¹ Bacalhau: chicote de couro usado para castigar os escravos. Ganhou esse apelido porque, os capatazes e feitores passavam sal nos ferimentos dos escravos para aumentar a dor.

estímulo genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da Carne a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da espécie. Volta-se, mais uma possível repercussão ao dizer novamente sobre os escravos, anteriormente viu-se o grande reboiço em Lenita pedir para que o escravo fosse “solto”, porém tivera um final mortal triste, por desobediência ao fugir. Algo interessante a ser percebido é a valorização da dignidade destas pessoas em poderem se manifestar seja em sua seita, religião, com as danças, músicas, rituais, uma vez que já estava no fim da escravidão, em 1887.

Em suas manifestações cantavam: “Serena pomba, serena; “Não cansa de serená! “O sereno desta pomba “Lumeia que nem metá! “Eh! pomba! eh!”. Fechando-se os olhos, não se podia crer que sons tão puros saíssem da garganta de um preto, sujo, desconforme, hediondo, repugnante. Músicas, danças, brincadeiras, tambores, tomavam conta daquela noite. Enquanto se dançava no terreiro, Joaquim Cambinda, escravo octogenário, inútil para o trabalho, estava sozinho, sentado em um cepo, ao pé de um fogo de lenha no paiol velho abandonado, que a rogo seu lhe fora concedido para morada. Era horroroso esse preto: calvo, beijudo, maxilares enormes, com as escleróticas amarelas, rajadas de marcas sanguíneas, a destacarem-se na pele muito preta. Para provar com fatos o seu poder, para demonstrar a eficácia dos seus sortilégios, chamou uma preta magra, a primeira que viera. Acudiu-a, aproximando-se ligeira, muito contente; Joaquim Cambinda tirou do oratório uma agulha de coser sacos, comprida, acerada e, tomando o braço esquerdo da preta, atravessou-o de parte a parte, em vários lugares, por várias vezes, sem que resumasse uma pinga de sangue: a paciente olhava curiosa para o braço, sem dar a mínima mostra de dor.

Joaquim largou a agulha, afastou-se um pouco, baixou-se, fitou-a de modo particular, por sob a pálpebra, com a pupila brilhante, fixa como a de um réptil. A moça soltou um grande grito, e levou as mãos ambas ao peito. De súbito, largou um berro entrecortado, gutural, rouco, que nada tinha de humano. Deu uma estremeção, curvou-se para trás, assumiu a forma de um buldogue esticado, ficou-se imóvel, dura, firme, em uma posição impossível: por uma parte tinha o alto da cabeça apoiado ao solo, e, por outra, os dois pés que assentavam em cheio, um pouco separados; ao todo, três pontos de apoio. A moça dormia profundamente, respirando alto, em roncós. Na parte externa, o samba continuava; ouvia-se o barulho dos atabaques, e o rumor surdo dos pés; sonoro, melancólico, sentimental, repercutia o refrão: “Eh! pomba! eh!”

Após tais fatos, havia muitos dias que Barbosa partira, e apenas tinha escrito uma carta ao coronel, sobre negócios, a qual lhe dava esperanças de salvar trinta por cento do material comprometido. Lenita sempre esperava por cartas dirigidas também a ela, no entanto nunca as vinham. Certo dia: “l.ma Ex.ma Sr.a D^a Helena Matoso Vila de *** Província de São Paulo”. Ela arrancou a carta violentamente da mão do moleque, deixando cair por terra os jornais, que não curou de erguer: acolheu-se ao seu quarto, apertando-a. Lenita lia: “Os dias são horríveis: se não há chuva, o que é raro, o sol queima, esbraseia a terra, a ponto de se poderem fritar ovos sobre as pedras das calçadas. Mas ainda há coisa mais horrível do que os dias, são as noites. A atmosfera queda-se, morre. Olha-se para as flâmulas dos navios, imóveis; para as franças das árvores, imóveis; para os leques das palmeiras, imóveis. A gente a asfixiar no ar irrespirável e morto, parece-se com os *mamouths* que se encontram inteiros nos gelos da Sibéria, ou com esses insetos mumificados, há milhares de anos, na transparência dourada do âmbar amarelo. É uma situação aflita; desespera, tira a coragem, dá vontade de chorar.”

Além disso, Manuel Barbosa dizia que a vida em São Paulo era uma negação da fisiologia, não há hematose perfeita, as digestões são laboriosíssimas, sua-se como no segundo grau da tísica pulmonar, como na convalescença de febres intermitentes. E dizia que se fosse condenado a deporto em Santos, não por toda a vida, mas por um ano ou dois, iria suicidar-se. Acrescentou o Manuel Barbosa, “Estou velho, e todo o velho é mais ou menos autoritário e pedante. Ora a Lenita pôs-se no hábito de condescender com a queda da idade, escutou-me, deu-me atenção, puxou-me mesmo pela língua... Aguenta-se, pois, com o incômodo, com a seca para falar classicamente; a culpa é sua. “Não sinto saudade da nossa convivência, de nossas palestras aí no sítio: a expressão saudade tem poesia de mais e realismo de menos”. O que há é necessidade, é fome, é sede da companhia de quem me compreenda de quem me faça pensar... da sua companhia.”. Ressalta Manuel Barbosa, “Estirei-me, porque lhe escrevendo afigura-me tê-la ao meu lado, e eu desejei prolongar o mais possível a figuração...”. Neste momento, até que enfim ele falava sobre a relação dos dois, o que deixou Lenita mais empolgada e contente.

Manuel Barbosa dizia que era preciso uma explicação necessária antes de terminar a carta. Dizendo ter sido minucioso, talvez demais, em descrever a serra, os planos inclinados, as obras de arte da companhia inglesa. Ele fizera tanta observação, onde apanhou tantos dados? Em uma descida rápida, vertiginosa, em uma descida pelo trem? Ele se perguntava, e que tudo isso não era possível. Uma inspiração, uma comunicação espírita?

Nada disso. Confessava na carta, com modéstia, que são humanos os meios de informação de que se dispõe: a ciência infusa foi privilégio dos apóstolos, de Santo Tomás, de Boaventura e, ainda hoje, o é do abade Moigno e do imperador do Brasil. Ele diz aguardar pelo dia que poderá dar-lhe um *handshake* – aperto de mão – forte, enérgico, à moda inglesa.

Lenita leu a carta com impaciência: os detalhes, os dados exatos, as apreciações científicas de Barbosa sobre Santos, sobre a serra irritavam-na: passou por aquilo tudo rápida e nervosamente, sem aprofundar, como quem percorre um catálogo. Procurava o que houvesse de íntimo sobre a sua pessoa, qualquer coisa que revelasse, que atraísse o estado afetivo do espírito de Barbosa. O “semi-desfalecimento” erótico que tivera no quarto de Barbosa fora a confirmação de uma suspeita: reconheceu que amava esse homem, louca e perdidamente.

Amando, mas sem estar de todo vencida, lutaria, defender-se-ia até a morte contra o que desejava, isso em um aposento, em um recinto vedado a todos os olhos; entregue, derrotada perante o seu foro íntimo, avaliava em nada o escândalo, desprezava a opinião, era capaz de submeter-se ao vencedor em público, no meio de uma praça, como as prostitutas de Hyde-Park. Amava Barbosa, confessara-o a si própria: era capaz de dizer a ele, era capaz de proclamá-lo à face do mundo. E indignava-se, achava-o tímido, queria que ele a adivinhasse, que lhe retribuísse o amor, que sentisse por ela o que ela sentia por ele, que se confessasse por sua vez subjugado, cativo. Amar Lenita e não ver esse homem a seus pés rendido, aniquilado, absorvido?! Impossível. A protagonista releu a carta, porém com mais atenção, metodicamente, estudando-a. As apreciações originais de Barbosa, o seu modo profundamente individual de ver as coisas, o entusiasmo comunicativo a que se entregava por vezes, tudo isso reproduzia-o, aviventava-o no escrito, ao ponto de que a Lenita parecia-lhe tê-lo junto a si, ouvir-lhe a voz, sentir-lhe o hálito. A admiração pelas faculdades intelectuais elevadíssimas de Barbosa evolvia-se mansa e naturalmente, para uma admiração pelas suas formas, para um desejo do seu físico, que a enlouquecia, que a punha fora de si.

Após estas trocas de cartas, Lenita tomou uma decisão um quanto eloquente. Ela partira para São Paulo e, passados alguns dias, Manuel Barbosa voltara à Fazenda. O rapaz dizia que ela o provocara, ela se lhe oferecera, ela o procurara, ela se lhe entregara, ela se prestara a todos os seus caprichos, mansa, dócil, submissa, para depois, assim, abandoná-

lo, a sós com as lembranças, entregue à tortura da saudade. Barbosa deixou cair a cabeça de lado, em um movimento doloroso, preguiçoso, deixando ser envolvido por uma triste ferida. Ela ainda diz que tivera dezenas de amantes, tinha sido e ainda era casado, conhecia a fundo a natureza, conhecia uma mulher, escravizado pela Carne, e deixou-se prender nos laços de uma paixão por mulher. A partir de então, ele sentia-se imóvel, julgava-lhe, queimava-lhe em dores. Tudo que fosse fazer lembrava-se de Lenita. A escuridão, o silêncio, reprodução cruel das noites de outrora, das noites de amor, que não mais voltariam, acendiam-lhe, exacerbavam-lhe o pungir do sofrimento, o rolar da soledade.

Passados alguns dias, Barbosa recebeu uma carta de Lenita, na qual continha vários fatos ocorridos com ela em São Paulo, dentre os fatos o que mais mexeu com Barbosa foi ela dizer que estava grávida, não bastava, acrescentou que o pai seria um outro, pois fora abandonada. E ela pediu a ele que não guardasse rancores, pois lembraria sempre dele. Manuel Barbosa, revoltado, com feições terríveis, rasgou-a em dois movimentos, e começou a xingá-la. Ainda revoltado, ele decidiu tomar uma decisão que pudesse cessar todo esse sofrimento. Já tinha em sua casa uma gaveta com uma cápsula de porcelana, com uma etiqueta vermelha que indicava o conteúdo. Preparou o remédio e com o auxílio de uma seringa injetou-lhe várias vezes, a ponto de mudar a cor da pele, pelo efeito que o medicamento causava. Barbosa penava que não poderia ditar o que ocorria, descrever o gosto de uma morte gradual, em que a vida esvai-se como um líquido que se escoar. Dizia que era uma inteligência que sente e quer. O espírito, o conjunto de funções do cérebro, está vivo, dá ordens, o corpo está morto, não obedece. Assim, sente que tem um pé na existência e outro no não-ser.

Um trágico fim foi o encontro último do seu pai com ele, o filho de cintura para cima, estendido de costas na cama, pálido, imóvel, olhos abertos, e o corpo de Barbosa cedia aos esforços do pai, como um cadáver antes da rigidez. E o cérebro, ativo, lúcido, em exercício pleno de funções, vivia, compreendia, sentia, tinha vontade, queria falar, queria responder ao pai, entretanto já não tinha órgão, estava isolado do mundo. Aos beijos da mãe e do pai que não podiam ser retribuídos, Barbosa sentiu-se tomado de um sentimento estranho de ternura filial que nunca conhecera antes.

Enfim, ele morria por amor a uma mulher, morria porque ela lhe quebrantara o caráter, morria porque ela o prendera nos liames da Carne, morria porque sem ela a vida se lhe

tomara impossível, covarde. A placidez da morte sem dor, da morte pela paralisia dos nervos motores, converteu-se em um suplício atroz, pavoroso, de cuja descrição não tem palavras a linguagem humana. Morto e vivo! Tudo morrera: só vivia o cérebro, só vivia a consciência e vivia para a tortura. A paralisia invadiu os últimos redutos do organismo, o coração, os pulmões, sístole e diástole cessaram, a hematose deixou de se fazer. Algo como um véu abafou, escureceu a inteligência de Barbosa, e ele caiu de vez no sono profundo do qual ninguém acorda.